



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
GRADUAÇÃO EM LETRAS PORTUGUÊS

Fernanda Atiê

Mulan e Diadorim: O (infeliz) disfarce das mulheres para conquistarem seu lugar

Florianópolis
2023

Fernanda Atiê

Mulan e Diadorim: O (infeliz) disfarce das mulheres para conquistarem seu lugar

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras Português do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Letras.

Orientador(a): Dr. Jorge Hoffmann Wolff

Florianópolis
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Atiê, Fernanda

Mulan e Diadorim: :0 (infeliz) disfarce das mulheres para conquistarem seu lugar / Fernanda Atiê ; orientador, Jorge Hoffmann Wolff, 2023.

45 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua Portuguesa, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. indústria cultural. 3. criticidade. 4. Disney. 5. Guimarães Rosa. I. Hoffmann Wolff, Jorge . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

Fernanda Atiê

Mulan e Diadorim: O (infeliz) disfarce das mulheres para conquistarem seu lugar

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Letras Português e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Letras Português

Florianópolis, 16 de junho de 2023.



Documento assinado digitalmente
Artur de Vargas Giorgi
Data: 23/07/2023 22:39:04-0300
CPF: ***.269.258-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Coordenação do Curso



Banca examinadora

Documento assinado digitalmente
Jorge Hoffmann Wolff
Data: 13/07/2023 15:01:41-0300
CPF: ***.856.499-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Jorge Hoffmann Wolff, Dr.
Orientador

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Documento assinado digitalmente
Artur de Vargas Giorgi
Data: 23/07/2023 22:38:09-0300
CPF: ***.269.258-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Artur de Vargas Giorgi, Dr.
Avaliador

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Documento assinado digitalmente
LUANA BAROSSI
Data: 20/07/2023 13:16:27-0300
CPF: ***.149.829-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Profa. Luana Barossi, Dra.
Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 2023

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem. O que Deus quer é ver a gente aprendendo a ser capaz de ficar alegre a mais, no meio da alegria, e inda mais alegre ainda no meio da tristeza!”

(ROSA, 1994, p. 448)

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar a indústria cultural, a formação de opinião dos indivíduos e como isso interfere em sua visão de mundo. A pesquisa foi realizada por meio de análise textual da obra literária de Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas e do roteiro do filme dos estúdios Disney, Mulan (2020); além de uma investigação sobre a recepção dessas produções pelo público. O que podemos perceber na história de duas mulheres, de épocas e contextos diferentes e como isso se dá nos dias atuais, o papel do entretenimento e a representação da mulher nas duas obras também serão brevemente abordados. Foram identificadas as principais características da linguagem utilizada em Grande Sertão: Veredas, como o uso de uma língua experimental e a construção complexa das frases, personagens, cenários e até mesmo da densidade da história, e comparadas com a adaptação cinematográfica infantil, que apresenta uma linguagem mais acessível e simplificada.

Palavras-chave: indústria cultural; experimentação; Disney; Mulan; Diadorim.

ABSTRACT

This work aims to analyze the cultural industry, the formation of individuals' opinions, and how it interferes with their worldview. The research was conducted through textual analysis of Guimarães Rosa's literary work, *Grande Sertão: Veredas*, and the screenplay of the Disney Studios' film, "Mulan (2020), along with an investigation into the reception of these productions by the audience. The role of entertainment, the representation of women in both works, and what can be perceived from the story of two women from different times and contexts, and how it relates to the present day, will also be briefly discussed. The main characteristics of the language used in *Grande Sertão: Veredas*, such as the use of an experimental language and the complex construction of sentences, characters, settings, and even the density of the story, were identified and compared with the accessible and simplified language of the child-oriented cinematic adaptation.

Keywords: cultural industry; experimentation; Disney; Mulan; Diadorim.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 - Cópia escrita por Mi Fu, no ano 1094 d.C.....	14
Figura 02 - Mulan (Liu Yifei) é expulsa da Tropa Imperial.....	16
Figura 03 - Arte que retrata as primeiras versões da guerreira chinesa.....	17
Figura 04 - Estátua representando a chegada de Mulan em sua casa. Esta fica localizada na cidade de Xinxiang, na China.....	17
Figura 05 - Personagem de Diadorim (Sônia Clara) na adaptação do filme Grande Sertão: Veredas, 1965.....	21
Figura 06 - Diadorim (Sônia Clara) e Riobaldo (Mauricio do Valle).....	24
Figura 07 - Mulan (2020) volta para sua casa e recebe presentes do Imperador....	34
Figura 08 - Diadorim e Hermógenes caem mortos após uma batalha.....	35
Figura 09 - Mulan decide aparecer como mulher na guerra.....	39
Figura 10 - Mulan solta o cabelo e eles estão 'penteados e limpos'.....	39

LISTA DE TABELA

<i>Tabela 01 - Exemplos de Neologismos em Grande Sertão: Veredas.....</i>	<i>43</i>
---	-----------

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
2. A HISTÓRIA SE REPETE.....	13
2.1 ORIGEM DE MULAN.....	13
2.1.1 A lenda.....	15
2.1.2 Mulan (2020).....	18
2.2 GUIMARÃES ROSA E <i>GRANDE SERTÃO: VEREDAS</i>	19
2.2.1 Diadorim.....	20
2.2.2 Relações iniciais.....	22
3. A INDÚSTRIA CULTURAL E A FORMAÇÃO DE OPINIÃO.....	25
4. EXPERIMENTAÇÃO E ERUDIÇÃO.....	29
Tabela 01 - Exemplos de Neologismos em Grande Sertão: Veredas.....	31
4.1 ADAPTAÇÕES.....	33
5. CINEMA, LITERATURA E O SER FEMININO.....	36
5.1 O PAPEL DO ENTRETENIMENTO.....	37
CONCLUSÃO.....	41
REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

O papel de cada mulher deve ser descoberto e vivido por si mesmas; entretanto, ressaltamos também a importância de ser individual e paradoxalmente coletiva essa descoberta. Ouvir verdades que trazem realidades sobre quem somos para fora, nos guiam rumo ao nosso destino e em muitas ocasiões, são outras mulheres que nos falarão essas verdades.

Muitas mulheres da literatura poderiam ser citadas para compor esse trabalho, como Jane Eyre (de "*Jane Eyre*", de *Charlotte Brontë*), Offred (de "*O Conto da Aia*", de *Margaret Atwood*), Jo March (de "*Mulherzinhas*", de *Louisa May Alcott*) ou Elizabeth Bennet (de "*Orgulho e Preconceito*", de *Jane Austen*), mas as escolhidas foram: Hua Mulan (personagem de uma lenda chinesa do século 4 ou 5 d.C) e Diadorim (personagem da literatura brasileira "*Grande Sertão Veredas*", de *João Guimarães Rosa*).

Ao longo das próximas linhas, esse trabalho terá o propósito de estabelecer conexões entre essas duas mulheres da literatura e posteriormente do cinema também. Ambas mulheres fortes, que sabiam o que queriam fazer, mas que por desdobramentos da época em que viviam, precisaram assumir disfarces masculinos. Mulan se junta ao exército chinês e luta contra invasores estrangeiros, enquanto Diadorim se torna um jagunço, um tipo de bandido armado que luta pela justiça no sertão.

Além disso, um dos temas centrais deste trabalho é o papel da indústria cultural; ela se refere ao conjunto de instituições, empresas e práticas que produzem e distribuem bens culturais em massa, como filmes, programas de televisão, música, livros, revistas, jogos eletrônicos e outras formas de entretenimento.

Sabemos que cada produção cultural desempenha um papel significativo na formação de opinião de cada indivíduo e que todas têm o poder de influenciar a maneira como as pessoas pensam, agem e percebem o mundo ao seu redor.

O objetivo é entender de que forma a indústria cultural molda a opinião pública e como ela pode, através da criação de narrativas e estereótipos, reforçar ou desafiar ideias preexistentes.

Um aspecto relevante é perceber que, muitas vezes, são criados produtos culturais de fácil consumo, com apelo emocional imediato, mas com pouco conteúdo crítico ou reflexivo. E mesmo que todas as produções culturais tenham seu valor e

importância, é preciso desenvolver senso crítico e avaliar o que de fato vale a pena ser consumido e propagado para que as pessoas não se engajem em formas de entretenimento passivo, desprovidas de profundidade intelectual, e a consumam informações e ideias de maneira acrítica.

2. A HISTÓRIA SE REPETE

Ao longo desse capítulo, trarei o contexto histórico e o resumo das duas obras. Importante destacar que a obra de Mulan escolhida para análise neste trabalho é o filme *Mulan*, dirigido pela cineasta Niki Caro, produzido pela Walt Disney Pictures e lançado no ano de 2020. Já sobre o livro de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*, a edição utilizada é a lançada pela Editora Nova Aguilar, no ano de 1994. Analisando as duas histórias, vamos destacar pontos que se assemelham e também questões que distanciam as obras.

2.1 ORIGEM DE MULAN

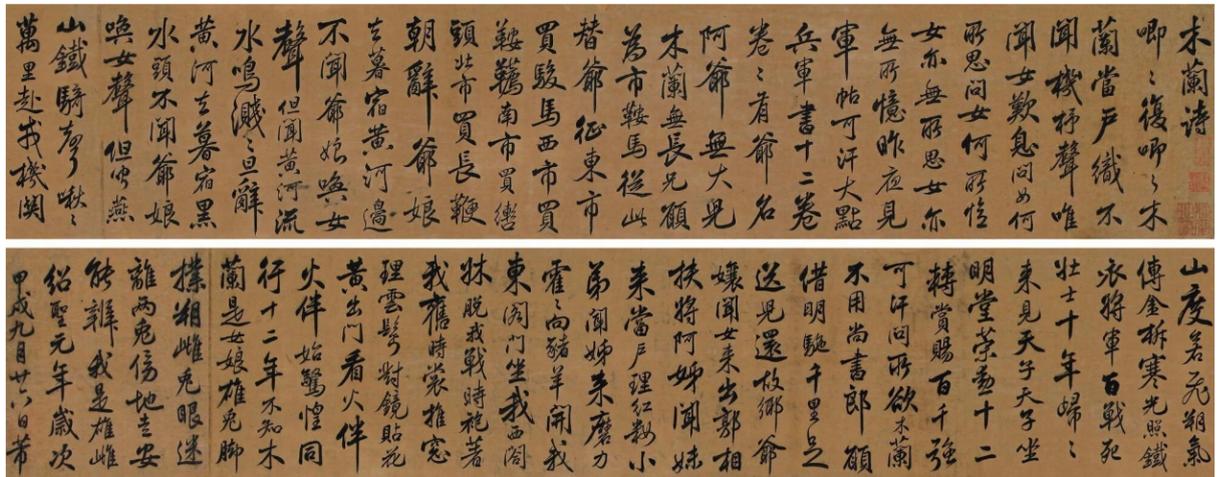
Hua Mulan é uma das personagens mais lendárias da China, até hoje, sua história é contada nas escolas chinesas e reproduzida em diferentes contextos e adaptações. A lenda da jovem chinesa Hua Mulan, começou a percorrer o país no século 4 d.C e desde então, vem sendo contada em livros, peças de teatro, poesias e filmes.

Antigamente, a China era governada por dinastias, ou seja, um regime monárquico hereditário que permaneceu por muito tempo e é justamente nesse período que encontramos a fonte original da história de Mulan, que veio de uma canção folclórica da Dinastia Wei do Norte (386 dC – 557 dC).

No século VI é encontrada a primeira transcrição conhecida, mas, infelizmente, os originais dessa obra não foram achados. Contudo, entre os séculos 11 e 12, Guo Maoqin, antólogo e poeta chinês durante a Dinastia Song do Norte (960-1127), criou sua coleção de obras intitulada "Coleção do Bureau da Música" (Yuefu shiji); essa obra incluía letras, canções e poemas de várias épocas anteriores, incluindo trabalhos folclóricos e populares e claro, o poema A Balada de Mulan.

Por ser uma história muito antiga e que provavelmente iniciou de maneira oral, não há muitos materiais sobre o poema The Ballad of Mulan, mas, no ano de 1094 d.C aproximadamente, durante a dinastia Song, um calígrafo chamado Mi Fu escreveu uma cópia do poema.

Figura 01 - Cópia escrita por Mi Fu, no ano 1094 d.C



Fonte: [Mulan Book](#)

A tradução do chinês para o inglês foi feita por Thomas Yue e do inglês para o português o autor é desconhecido, mas, independente disso conseguimos ter acesso ao poema.

A Balada de Mulan

Click, click e click, click, click
 Junto à porta, Mulan tece,
 Quando, de repente, a lançadeira cessa
 Ouve-se um suspiro cheio de angústia
 Oh, minha filha, quem está em sua mente?
 Oh, minha filha, quem está em seu coração?
 Não há ninguém em minha mente
 Não há ninguém em meu coração
 Mas noite passada ali sobre a batalha
 Eram doze pergaminhos
 O Khan sorteará os que irão à guerra
 O nome de meu pai está em todas as contas
 Ah, meu pai não tem um filho crescido
 Ah, Mulan não tem um irmão mais velho
 Mas comprarei uma sela e um cavalo e me unirei ao exército no lugar de meu pai
 No mercado do leste ela compra um corcel
 No mercado d'oeste ela compra uma sela
 No mercado do norte ela compra um longo chicote
 No mercado do sul ela compra uma rédea
 Na alvorada ela se despede da família
 No crepúsculo ela se assenta à beira do Rio Amarelo
 Ela não mais ouve seus pais a chamarem
 Sobre seu travesseiro, as águas sussurram
 No crepúsculo ela chega à Montanha Negra
 Ela não mais ouve seus pais a chamarem, mas sim os gemidos dos cavalos tártaros nas montanhas de Yen
 Ela cavalga milhares de quilômetros rumo à guerra que deve honrar
 Ela atravessa altas montanhas como uma águia nas alturas

Das tempestades do norte, no frio que fustiga, ecoa o sino do guarda
 A luz fria e azulada do gelo ilumina sua armadura
 Generais morrem em cem batalhas
 Nosso guerreiro está de volta
 Dez anos voaram
 Em seu retorno, ela é convocada a ver o Imperador
 No palácio, ela recebe a mais alta honra
 Ela é promovida ao mais alto cargo
 O Imperador lhe concede centenas de milhares de prêmios
 O Khan lhe pergunta qual é o seu desejo
 Mulan não quer um cargo de Ministro
 Mulan não quer nada de extravagante
 Gostaria que me prestassem um cavalo veloz que me leve de volta para casa
 Quando o pai e a mãe ouvem que ela está chegando, vão esperar abraçados no portão
 Quando a irmã mais velha a ouve chegando, ela corre ao seu quarto colocar um pouco de rouge
 Quando o irmão mais novo a ouve chegando, ele afia seu punhal que brilha como a luz e vai preparar
 porco e carneiro para o jantar
 Ah, deixem-me abrir a porta para o quarto leste
 Ah, deixem-me sentar em minha cama para um descanso potente
 Então logo tiro a roupa do guerreiro e silenciosamente ponho meu antigo vestido
 Junto à janela penteio meus cabelos
 Em frente ao espelho pinto meu rosto
 E quando saio para encontrar meus companheiros eles estão perplexos e impressionados
 Por doze ano lutamos como camaradas
 A Mulan que conhecemos não era uma mulher graciosa
 Dizem que conhecemos uma lebre segurando-a pelas orelhas
 Há sinais para distinguirmos
 Suspenso no ar, o macho chutará e se debaterá, enquanto que as fêmeas ficarão paradas, com os
 olhos a lacrimejar
 Mas se ambos estão no chão a pular em liberdade singela, quem será tão sábio para dizer se a lebre
 é ele ou ela?

Ter acesso à leitura do poema, mesmo já tendo assistido o filme adaptado, nos leva a novos cenários, mostra novos personagens e informações não contidas no filme. Há muitos elementos linguísticos que não conseguimos acessar somente assistindo a versão cinematográfica, por isso, ter acesso aos originais enriquece a obra como um todo.

2.1.1 A lenda

Essa lenda surge como resultado do sofrimento que a China estava passando com invasões de um grupo étnico nômade. O governo central foi completamente destruído por esse grupo. As guerras duraram mais de três séculos e afetaram muitas partes do Império Chinês. Tendo isso como uma realidade, era notável que

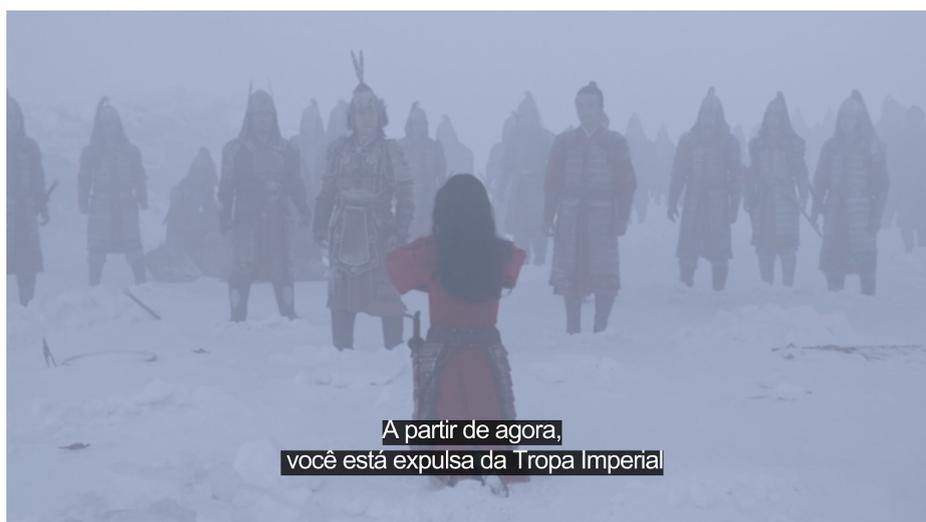
os guerreiros precisavam de uma fonte de esperança e uma mulher soldado era um fenômeno que inspirava os soldados a lutar.

Por ser uma lenda muito antiga, há algumas variações na história, contudo, o enredo principal permanece o mesmo: Mulan fica sabendo que o exército estava recrutando novos soldados. Para salvar seu pai velho e doente, Huan Hu, ela decidiu ir como seu 'filho'.

Ela lutou por dez ou doze anos e ganhou grande mérito, mas recusou qualquer recompensa, apenas desejando voltar para casa. Durante a guerra, ela conheceu um oficial e se apaixonou por ele. Conforme os anos foram passando, Jin Yong (o general que ela estava apaixonada) soube que ela era uma mulher e em muitas versões da história, eles sonham em se casar e como era de se esperar, os outros soldados também começaram a descobrir que Mulan era uma mulher.

De acordo com a lenda, um dia, Mulan decide entrar no campo de batalha com roupas femininas para que todos descobrissem sua verdadeira identidade. Todos ficaram impressionados com sua bravura e sabedoria e a reação de todos foi admiração e respeito. Detalhe este que se diferencia do filme aqui analisado, já que no filme, após Mulan revelar sua identidade, ela é acusada de impostora, traidora, alguém que trouxe desonra à família e acaba sendo expulsa da Tropa Imperial.

Figura 02 - Mulan (Liu Yifei) é expulsa da Tropa Imperial



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

Após vencerem, Mulan volta para casa e muitas versões da história contam que ao chegar, ela descobre que seu pai havia falecido. Ela então não se sente uma heroína e por ficar assombrada por suas experiências no campo de batalha, a lenda diz que ela retira sua vida.

Figura 03 - Arte que retrata as primeiras versões da guerreira chinesa



Fonte: [Ancient Origins](#)

Figura 04 - Estátua representando a chegada de Mulan em sua casa. Esta fica localizada na cidade de Xinxiang, na China.



Fonte: [Ancient Origins](#)

2.1.2 Mulan (2020)

O filme inicia e é contado a partir da perspectiva do narrador, que por sinal, é o pai de Mulan. Desde criança, o *chi* (energia vital que fala através de cada movimento e que geralmente era atribuída somente aos homens) de Mulan é muito forte, o que a diferencia de outras crianças, ainda mais por ser menina. Diante desse cenário, seu pai teria duas opções: dizer à menina que somente um filho deveria ter o *chi* e que uma mulher tão forte, corajosa e destemida, traria vergonha à família, desonra e exílio ou esperar para que ela cresça e siga às tradições familiares. Por alguns anos, ele escolheu a segunda opção, mas depois de alguns episódios, ele pede para que Mulan esconda seu dom e silencie seu *chi*.

Anos passam, Mulan já é uma mulher quando uma guerra é iniciada contra o governo chinês. Essa guerra iniciou-se pois um inimigo chamado Bori Khan deseja matar o imperador e destruir o império chinês para vingar a morte de seu pai.

Para lutar contra o inimigo, todos os pais devem enviar seus filhos para a guerra, mas, como o pai de Mulan só tem duas meninas, ele decide que ele mesmo irá para a luta. Contudo, ele já é um senhor e tem algumas limitações para andar o que faz ser impossível ele ir para uma guerra. Na madrugada anterior à saída dos rapazes para o campo de treinamento, Mulan pega a espada e a armadura de seu pai, se caracteriza de homem e chega ao acampamento para treinar juntamente com os outros rapazes.

A história se desenrola, a guerra é iniciada e Mulan conhece outra mulher, que luta no lado adversário e é conhecida como bruxa. Durante um embate entre as duas, a bruxa deixa claro que a mentira de Mulan a enfraquece e envenena o seu *chi* e após Mulan insistir na mentira, a bruxa tenta matá-la dizendo: “Morra então se prefere ser uma pessoa que não é.”. De fato, vemos que Hua Jun (seu nome no disfarce masculino) morre e quando Mulan acorda, ela decide se desfazer do disfarce e aparecer perante seus companheiros de guerra com sua verdadeira identidade. Após ter revelado sua verdadeira identidade, ela é expulsa da Tropa Imperial o que a leva para outro encontro com a bruxa e nessa conversa Mulan descobre os planos do inimigo para invadir a cidade imperial e matar o imperador. Ela volta para conversar com o oficial da Tropa e após o apoio de seus colegas guerreiros, o oficial a coloca como líder da tropa que os guiará até a cidade imperial para proteger o imperador.

Após ter salvo o imperador, Mulan é convidada para ser a nova oficial da guarda, mas nega o convite pois deseja voltar para sua família e desculpar-se por ter fugido e desonrado seu clã. Enquanto está em casa, a tropa imperial chega em sua aldeia e a presenteia com uma nova espada e a reconhece como uma grande guerreira que salvou o imperador e o país. Em sua nova espada, além dos pilares da virtude já comumente gravados - coragem, verdade e lealdade - é adicionado um novo pilar: devoção à família e assim o filme é finalizado.

2.2 GUIMARÃES ROSA E *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*

Antes de iniciar o resumo da obra de *Grande Sertão: Veredas*, é importante apresentar um pouco do contexto histórico brasileiro no momento em que o livro é lançado. O livro é lançado em 1956, mesmo ano que o presidente Juscelino Kubitschek começa seu mandato na presidência do Brasil. Um dos slogans do seu governo, conhecido até os dias atuais, era “50 anos em 05”. O presidente tinha planos de que o Brasil desenvolvesse 50 anos em apenas 05 anos do seu mandato.

Em seu livro *Genealogia da Ferocidade*, Silviano Santiago, um dos maiores escritores do Brasil atualmente, comenta sobre a publicação do livro *Grande Sertão: Veredas*, para ele o livro surgiu

Como um monstro, ele emerge intempestivamente na discreta, ordeira e suficientemente autocentrada vida cultural brasileira, então em plena euforia político-desenvolvimentista. Guimarães Rosa o escreve monstro para que sua qualidade selvagem se destaque com nitidez na paisagem modernizadora do Brasil, tal como configurada pelo Plano de Metas da Presidência da República, que maximiza a indispensável e rápida industrialização de país até então reputado subdesenvolvido. (SANTIAGO, 2018, p. 11)

E como esse livro deveria ser lido, não só na época, mas ainda nos dias de hoje? Santiago nos dá algumas dicas de como devemos ler:

E também para que sua beleza selvagem seja mais bem apreciada se lida e analisada – em ambiente linguístico, social e político, que lhe é refratário, insista-se – como objeto estético insólito, uma pedra lascada, e não uma pilastra em concreto armado, geometricamente perfeita. Uma pedra lascada difícil de ser compreendida pela mera revisão acrítica do passado pátrio. Intolerável, se lida no seu presente anacrônico. E indigesta, se assimilada

espontaneamente pelo leitor compulsivo, ou às pressas pelo medíocre estudioso das letras nacionais. (SANTIAGO, 2018, p. 11)

Grande Sertão: Veredas não é um romance comum, é considerado um dos maiores romances brasileiros e Guimarães Rosa para além de um autor, um inventor. Nas palavras de Silviano Santiago

Rosa é um inventor. “Inventores” – recorramos novamente às palavras de Ezra Pound –, “homens que descobriram um novo processo ou cuja obra nos dá o primeiro exemplo conhecido de um processo”. Rosa está à frente do seu tempo nas literaturas da América Latina(...) (SANTIAGO, 2018, p. 16)

João Guimarães Rosa, autor de *Grande Sertão: Veredas*, nos entrega uma obra totalmente contrária ao que estamos discutindo até agora. Sua genialidade, até mesmo em outras obras, tira o leitor do lugar de alienação e conformidade. Ele cria seu próprio estilo, suas próprias palavras e cenários. Ou mergulhamos em seu mundo e aceitamos nos molhar e absorver ou nos distanciamos completamente. É quase impossível ficar no meio do caminho.

2.2.1 Diadorim

A segunda personagem, analisada neste trabalho, chama-se Diadorim. Personagem criada por João Guimarães Rosa, em sua obra intitulada *Grande Sertão: Veredas*. Somos apresentados a ela através da perspectiva do narrador, que ao apresentar a história, já explana sua opinião e ponto de vista, por isso, construímos nossa percepção também através dos recortes que ele nos apresenta e vamos descobrindo mais sobre a história conforme ele nos conta.

Figura 05 - Personagem de Diadorim (Sônia Clara) na adaptação do filme *Grande Sertão: Veredas*, 1965



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

A história passa por diferentes estados do Brasil e no contexto da época da República Velha. Riobaldo, um jagunço, inicia contando sobre o tempo que pertencia a bandos no sertão, lutava, matava e fugia da polícia.

Conheceu Joca Ramiro, o chefe dos jagunços, quando foi morar com seu padrinho Selorico Mendes. Após um tempo, Riobaldo entra para o bando do fazendeiro Zé Bebelo, que na verdade queria acabar com os jagunços da região. Um líder de outro bando, Hermógenes, aparece na história e começa uma guerra entre esses dois bandos. Após essa briga, Riobaldo decide sair do bando e entrar para o bando de Joca Ramiro, onde encontra um antigo amigo, Reinaldo.

Riobaldo conhecia Reinaldo desde antes de se mudar para a fazenda de seu padrinho, a amizade deles cresce e Reinaldo compartilha com seu amigo, qual era seu verdadeiro nome, Diadorim.

Ocorre então um confronto entre os bandos de Zé Bebelo e o de Joca Ramiro, Zé Bebelo é capturado e vai para julgamento. Joca Ramiro decide pela libertação de Zé Bebelo, estipulando como condição que ele se dirija a Goiás e não retorne sem autorização. Riobaldo e Reinaldo unem-se ao bando de Titão Passos.

Após um tempo sem guerras, surge um novo personagem na história, Gavião-Cujo, um jagunço que chega de longe para dizer que haviam matado Joca Ramiro. Foi morto por Hermógenes, os homens do Ricardão, o Antenor e outros.

Outra guerra começa, de um lado os traidores e do outro o bando de Zé Bebelo, que retorna pois deseja vingar a morte de Joca Ramiro, que o havia libertado no julgamento.

Há certa altura da guerra, Riobaldo faz um pacto com o diabo para conseguir vencer e prossegue com seu bando atrás de Hermógenes. Chegando na fazenda do adversário, Riobaldo aprisiona a mulher de Hermógenes, contudo, ele mesmo não está por lá e os jagunços decidem ir para Minas Gerais.

No meio do caminho, eles encontram o bando de Ricardão e Riobaldo o mata. Depois, encontram o bando de Hermógenes e uma luta sangrenta é estabelecida e Diadorim acaba morta em batalha. Riobaldo descobre que ela era uma mulher e além disso também era filha de Joca Ramiro.

A identidade de Diadorim é mantida em segredo por muito tempo no livro, somente no final, em uma luta contra Hermógenes, onde ambos morrem, descobrimos que de fato ela é uma mulher.

Não me mostrou de propósito o corpo. E disse... Diadorim – nu de tudo. E ela disse: – “A Deus dada. Pobrezinha...” E disse. Eu conheci! Como em todo o tempo antes eu – não contei ao senhor – e mercê peço: – mas para o senhor divulgar comigo, a par, justo o travo de tanto segredo, sabendo somente no átimo em que eu também só soube... Que Diadorim era o corpo de uma mulher, moça perfeita... Estarreci. A dor não pode mais do que a surpresa. A coice d’arma, de coronha... (ROSA, 1994, p. 861)

2.2.2 Relações iniciais

Uma das relações entre elas acontece justamente em suas mortes. Mesmo que a morte de Mulan não seja, de fato, literal como a de Diadorim, tanto no livro *Grande Sertão: Veredas* quanto no filme *Mulan*, vemos a identidade e propósito de ambas as mulheres sendo trazidos à tona.

No livro, podemos destacar:

“Lá registrada, assim. Em um 11 de setembro da era de 1800 e tantos... O senhor lê. De Maria Deodorina da Fé Bettancourt Marins – que nasceu para o dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor...” (ROSA, 1994, p. 871)

Já no filme, após um embate, Mulan é atingida e 'cai como morta', mas ao acordar resolve acabar com o disfarce e revelar sua verdadeira identidade, voltando para a guerra muito mais forte, já que o disfarce enfraquecia seu *chi*.

Podemos ver então que até em suas mortes elas se assemelham e fica claro que tanto Diadorim cumpriu seu propósito em vida, quando Mulan cumprirá plenamente o seu no restante do filme.

Outra semelhança incrível entre essas mulheres, Mulan e Diadorim, é percebida na fidelidade e lealdade de ambas. Tanto com aquilo que acreditam, quanto com aqueles ao redor delas. Antônio Candido retrata isso muito bem ao falar de Diadorim:

“O comportamento dos jagunços não segue o padrão ideal dos poemas e romances de Cavalaria, mas obedece à sua norma fundamental, a lealdade;” (CANDIDO, p. 130, 2002)

E no filme, podemos ver Mulan sendo fiel às virtudes que carrega em sua espada: *lealdade*, coragem e verdade. Ainda falando sobre lealdade, ambas carregam também o amor à família e ao pai, no caso de Diadorim, que deseja vingar a morte do seu pai e Mulan que luta na guerra para que seu pai não precisasse ir.

“(...) alvo supremo de Diadorim (matar Hermógenes para vingar o assassinio de Joca Ramiro)” (CANDIDO, p. 131, 2002)

Mesmo se tratando de culturas e épocas tão distantes, essas duas mulheres realmente nos mostram o propósito de viver e lutar pelo que acreditamos.

Enquanto a lenda de Mulan remete aos primeiros séculos depois de Cristo, a história de Diadorim teve sua primeira publicação em 1956 e no contexto do livro, compreende-se que a histórias dos jagunços acontece em algum ponto entre o fim do século 19 e início do 20; e mesmo com esse enorme distanciamento entre as histórias, podemos ver como certos elementos e até mesmo estruturas sociais, se repetem.

A personagem Mulan e a personagem Diadorim pertencem a diferentes culturas e contextos literários e são figuras memoráveis em diversos aspectos,

contudo nesse trabalho vou destacar o aspecto do feminino e propósito de vida em cada história, além de tecer comentários críticos sobre a indústria cultural que envolve as adaptações Disney e darei uma certa ênfase em questões de língua e linguagem em ambas as obras.

As duas personagens enfrentam desafios semelhantes, como a necessidade de esconder suas verdadeiras identidades, lidar com a discriminação, o preconceito de gênero e manter sua integridade.

No entanto, a relação entre Mulan e Diadorim é fundamentalmente diferente. Mulan é uma heroína solitária que enfrenta seus desafios sozinha, sem aliados ou amigos íntimos. Diadorim, por outro lado, é uma personagem cercada por uma rede complexa de relacionamentos, incluindo sua amizade com Riobaldo, o protagonista do romance, e sua relação com ele, que é uma fonte de tensão e conflito no enredo.

Figura 06 - Diadorim (Sônia Clara) e Riobaldo (Mauricio do Valle)



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

3. A INDÚSTRIA CULTURAL E A FORMAÇÃO DE OPINIÃO

Muito do que somos e acreditamos foi sendo imputado a nós ao longo dos anos. Nossas vivências, crenças e opiniões basearam-se no que ouvimos, lemos e assistimos (considerando as últimas décadas), poucas famílias aprenderam sobre criticidade, questionamentos e o quão saudável isso pode ser; de fato, como não aprenderam sobre, também não puderam ensinar como fazer.

Cada criança que nasce é como uma folha em branco, isso pode parecer clichê, mas de fato ela aprende tudo conforme vai crescendo e copia sempre o que vê. E o que ela vê? Comportamento dos pais e amiguinhos, a natureza, a professora e claro, filmes e desenhos. Neste capítulo, discutiremos sobre a indústria cultural, a formação de seres críticos, como ao longo do tempo isso foi se transformando e sendo substituído por uma linguagem mais simples e facilitada e como tudo isso pode ser exemplificado nas duas histórias base desse trabalho, *Mulan* e *Grande Sertão: Veredas*.

Ao falar de indústria cultural, é preciso iniciar com sua definição. Lançando mão do texto de Theodor W. Adorno, vamos entender que

“A indústria cultural é a integração deliberada, a partir do alto, de seus consumidores. Ela força a união dos domínios, separados há milênios, da arte superior e da arte inferior. Com o prejuízo de ambos.” (ADORNO, p. 287)

Como dito anteriormente, na grande maioria das famílias, não é ensinado a pensar ou sermos críticos, consumimos o que a maioria está consumindo e por ora há uma contentação e alegria por ‘fazer parte’. Contudo, um ponto que Adorno destaca em seu outro texto que tem como título *“Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos”*, no capítulo *“A Indústria Cultural: O Esclarecimento Como Mistificação das Massas”*, é como a indústria cultural afetou a autonomia e as diferenças em prol do capital.

“A técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e a do sistema social” (ADORNO, 1947, p. 57)

Ele cita também o exemplo da transição do telefone para o rádio. No telefone, havia uma individualidade e autonomia; quando o rádio chega, isso acaba, pois todos são transformados em ouvintes da mesma coisa.

“No quadro da rádio oficial, porém, todo traço de espontaneidade no público é dirigido e absorvido, numa selecção profissional, por caçadores de talentos, competições diante do microfone e toda espécie de programas patrocinados.” (ADORNO, 1947, p. 57)

Mais do mesmo. Por muito tempo, quando princesas da Disney eram o assunto, essa era a conclusão: mais do mesmo. Não havia diversidade, inclusão e nem mesmo finais diferentes além do casamento entre o príncipe e a princesa; vale lembrar que apenas em 2009 a primeira princesa negra surgiu, a Tiana, no filme *A princesa e o sapo*.

Mas por que isso acontece? Como ou por que essas histórias são criadas e caem tão bem no gosto do público? Adorno traz pontos que podem ajudar a pensar em alguns caminhos para uma (possível) resposta:

Os padrões teriam resultado originariamente das necessidades dos consumidores: eis por que são aceitos sem resistência. (...) A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o carácter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. (ADORNO, 1947, p. 57)

Esse texto de Adorno e Max Horkheimer foi escrito na década de 40 (1947) e mesmo assim, 76 anos depois, ainda parece recente. A alienação em volta do entretenimento é gritante e a preguiça de pensar transforma grandes obras em artes esquecidas no fundo de um baú.

De fato, o que talvez seja o maior problema é a falta da individualidade e o excesso da homogeneização, como bem destacam os doutores em História, Anilde Tombolato Tavares da Silva e Sinésio Ferraz Bueno

A possibilidade de emancipação da consciência é a construção ideal na orientação para intervenção social rumo à libertação do modo de reprodução vigente, porém a Indústria Cultural, como buscamos argumentar, parece indicar sua substituição pelo processo de semiformação, que determina o ordenamento de adequação e sujeição aos termos existentes da reprodução social. A cultura, como se apresenta hoje,

já não pode ser mais apreendida como ideal emancipatório, mas sim como uma realidade conservadora que legitima a sociedade vigente e a reconstrói como cópia ordenada. (BUENO e SILVA, 2017, p.1170)

Se, ao considerar as produções dos estúdios Disney um bem da indústria cultural, ou seja, dentre outros elementos, elas são bem aceitas pelo público, encontramos em *Grande Sertão: Veredas*, um completo oposto. Desde sua publicação, a aceitação da massa não faz parte dessa história.

Publicado o romance, Guimarães Rosa teve de aprender a enfrentar corajosamente a primeira e pouco auspiciosa recepção que lhe é dada. (...) Inicialmente, *Grande sertão: veredas* abre sorrisos e caretas nos leitores e recebe na cara o silêncio constrangedor dos romancistas e poetas então em destaque na capital federal. (SANTIAGO, 2018, p. 18)

Inevitavelmente, a sociedade tem provado de muita informação e estímulos, mas tanta coisa acaba que não produz efetivamente nenhuma formação, apenas a semiformação e uma banalização da cultura; assim “a cultura converteu-se totalmente numa mercadoria, difundida como uma informação, sem penetrar nos indivíduos dela informados.” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 93)

Cultura é uma construção. De maneira micro ou mundial, há aspectos semelhantes, como por exemplo, é importante e sabido em toda e qualquer cultura que ser gentil é bom. Em visões mais territoriais, também há, de maneira geral, uma certa cultura estabelecida, como por exemplo, o futebol faz parte da cultura brasileira. E também, de maneira pessoal ou familiar, somos criados dentro da cultura da nossa família.

Por ser um termo tão denso, sua definição não é simples, mas podemos nos apegar em alguns pontos de definição,

A caracterização do que é cultura, na perspectiva dos Estudos Culturais, em especial de Raymond Williams (2000), parte da convergência de duas concepções, a saber: a ênfase no espírito formador de um modo de vida global, que se manifesta em todo âmbito das atividades sociais, mas se evidencia em atividades especificamente culturais, como a linguagem, estilos de arte e tipos de trabalho intelectual; e a ênfase em uma ordem social global no seio de uma cultura específica, na qual as manifestações artísticas são consideradas produto direto ou indireto de uma ordem primordialmente constituída por outras atividades sociais. (GIRELLI, 2019, p. 140)

“E ao discutirmos sobre cultura, precisamos nos lembrar que “a cultura tem duplo caráter: é, ao mesmo tempo, autonomia, liberdade do sujeito e adaptação, conformação à vida real.” (BUENO e SILVA, 2017, p.1171)

Dito isso, é importante dar destaque para a importância da educação na formação do indivíduo e da sua apropriação da cultura.

A educação não mais diz respeito só à formação da consciência de si, ao aperfeiçoamento moral ou à conscientização, mas sim à possibilidade de escapar de armadilhas que a Indústria Cultural nos impõe pela via do mercado, pois “cria um sujeito social identificado a uma subjetividade socializada de modo heterônomo, que rompe a continuidade do processo formativo de um modo fortuito” (ADORNO, 2003, p. 25). (BUENO e SILVA, 2017, p.1177)

Há elementos do modo heterônomo em diversos lugares ao nosso redor. Quantas vitrines de shoppings podemos ver que possuem a mesma estética ou marcas de nomes diferentes mas que carregam a mesma essência, até mesmo peças semelhantes, diferenciando-se apenas por cor ou pequenos detalhes. Em alguns lugares, parece que todos estão quase como uniformizados. Inconscientemente, nos submetemos a leis ou regras impostas por outros e seguimos a vida assim.

Porém, vale ressaltar que a educação, para ser efetiva, deve ser crítica da semiformação real, deve aplicar toda sua energia para se tornar “uma educação para a contradição e para a resistência” ao existente, para se contradizer e resistir como modo de ir além do plano da reconstrução cultural e da vigência da semiformação, referindo-se ao plano da vida real efetiva. A resistência se constrói pelo poder educativo do pensamento crítico e da autorreflexão, para se manter viva a chama da crença que o indivíduo, mesmo que subsumido pela Indústria Cultural, ainda pode se reencontrar na sua especificidade. (BUENO e SILVA, 2017, p.1178)

4. EXPERIMENTAÇÃO E ERUDIÇÃO

Nesse capítulo, um dos focos é apresentar a riqueza que há nas obras em termos de contexto, língua e linguagem e trazer à tona alguns desafios e consequências das adaptações. Gostando ou não, colocar duas obras tão distintas para comparação, como é o caso das obras desse trabalho, é um pouco injusto (para a Disney), contudo, mesmo *Grande Sertão: Veredas* possuindo mais elementos e riqueza, vamos discorrer também sobre os elementos de linguagem em *Mulan*; enfim, comecemos com Rosa.

Ainda sobre o texto de Adorno, o autor comenta sobre a falta de originalidade e a indissociável repetição de tantas obras, o que nos remete também aos filmes de princesa da Disney, nos primeiros minutos, já sabemos o final.

Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção. (...) Não somente os tipos das canções de sucesso, os astros, as novelas ressurgem ciclicamente como invariantes fixos, mas o conteúdo específico do espectáculo é ele próprio derivado deles e só varia na aparência. (ADORNO, 1947, p. 59)

Nossos pais e avós liam nas escolas, como leitura obrigatória, autores como Guimarães Rosa, Machado de Assis, Érico Veríssimo, José de Alencar, dentre outros autores com leituras consideradas 'difíceis' atualmente. Quantos hoje, ao invés de ler o livro, esperam o filme ser lançado e se por acaso o filme não for uma possibilidade, recorrem a resumos das obras literárias e infelizmente, isso é tão comum em nossas escolas e universidades.

Ao longo dos anos, a individualidade e autonomia vem sendo substituída pela conformidade em massa. Em diferentes áreas, vemos uma atrofia do pensar e da imaginação.

Nas palavras de Adorno,

Actualmente, a atrofia da imaginação e da espontaneidade do consumidor cultural não precisa ser reduzida a mecanismos psicológicos. Os próprios produtos – e entre eles em primeiro lugar o mais característico, o filme sonoro – paralisam essas capacidades em virtude de sua própria constituição objectiva. (ADORNO, 1947, p. 60)

Mesmo que as duas histórias aqui citadas, o filme de Mulan e o livro de *Grande Sertão: Veredas*, apresentem pontos semelhantes no que diz respeito à narração, por exemplo, já que tanto em Mulan quanto em *Grande Sertão: Veredas* temos a história contada por um narrador personagem, no quesito linguagem, há muitos pontos discrepantes. No início do livro de Guimarães Rosa, já nos deparamos com um neologismo, fenômeno comum nas obras do autor, o que nos convida justamente a sair da inércia e pensar: “o que será que isso significa?”

Guimarães Rosa sempre foi inovador no uso da linguagem em suas obras literárias. A linguagem experimental se manifesta em sua abordagem singular de escrita, na qual ele rompe com as convenções tradicionais da língua e cria um estilo literário único.

Grande Sertão: Veredas é muito rico em sua ousadia linguística, pois o autor explora a diversidade dos registros linguísticos, o uso de arcaísmos, regionalismos e neologismos. Como podemos ver:

“– NONADA. TIROS QUE O SENHOR ouviu foram de briga de homem não,
Deus esteja” (ROSA, 1994, p. 03)

“Cara de gente, cara de cão: determinaram – era o demo. Povo prascóvio.”
(ROSA, 1994, p. 03)

“(…) essas desmergulham, em bando, e becam a gente: rodeando e então
fazendo a canoa virar, de estudo” (ROSA, 1994, p. 144)

“Igual gostava de Nhorinhá – a sem-mesquinhice, para todos formosa, de
saia cor-de-limão, prostitutriz.” (ROSA, 1994, p. 535)

“Sobrelégios? Tudo ajudou a gente, o caminho mesmo se economizava.”
(ROSA, 1994, p. 727)

Todos esses neologismos são encontrados ao longo da história e por incrível que pareça, possuem um significado que faz total sentido, mesmo que não os empregamos de forma natural, vejamos:

Tabela 01 - Exemplos de Neologismos em *Grande Sertão: Veredas*

NEOLOGISMO	SIGNIFICADO
<i>Nonada</i>	Insignificante/ de pouca importância
<i>Prascóvio</i>	Ignorante
<i>Desmergulham</i>	Emergir
<i>Prostitutriz</i>	Prostituta + meretriz
<i>Sobrelégios</i>	Algo além do comum

Fonte: elaborada pela autora deste trabalho

Manoel Cavalcanti Proença, em seu texto *Trilhas no Grande Sertão*, comenta um pouco sobre essa questão do neologismo e da linguagem que Guimarães Rosa opta por utilizar/criar, para o autor

Ainda que se considerem língua e dialeto com o máximo de amplitude semântica, ainda assim não houve criação. O que ocorreu foi ampla utilização de virtualidades da nossa língua, tendo a analogia, principalmente, fornecido os recursos de que ele se serviu para construir uma fala capaz de refletir a enorme carga afetiva do seu discurso. (PROENÇA, 1973, p. 215)

Para além do conteúdo e significado da história, Guimarães Rosa decidiu que queria algo além para o seu leitor, não só uma imaginação cinematográfica ou até mesmo individual e imaginativa, mas transformar a leitura dinâmica, curiosa e transformadora. Ao utilizar certas palavras, vírgulas, formas nominais diferentes (como o gerúndio, indicando movimento) e detalhes ricos, o leitor é capaz de quase como se projetar para a cena que está lendo.

“Guimarães Rosa tinha um objetivo muito bem definido, ou seja, conseguir, através de seu texto, captar e estimular a imaginação do leitor durante o ato da leitura.” (BARBIERI, 2008, p.2)

De forma antagônica, ao longo do filme de Mulan, não encontramos nenhuma densidade de linguagem ou novidade da história, como foi dito

anteriormente, o espectador já começa o filme sabendo o final e fica feliz quando acontece mesmo o que ele já sabia.

Também há muitos momentos de silêncio ao longo do filme, onde nada é dito e somente as imagens da história estão correndo; não há nem mesmo elementos como flashbacks ou cenas que lembram musicais (comuns nos filmes da Disney). Há elementos figurativos, culturais e estilísticos belos ao longo do filme, mas não conseguimos experimentar tanta densidade.

Guimarães Rosa buscou reproduzir a oralidade e as nuances da fala sertaneja, capturando a riqueza e a complexidade da língua falada no sertão brasileiro. Algo que se destaca também como diferença quando comparado com *Mulan*, já que há poucas referências à fala ou escrita chinesa ao longo do filme, há sim alguns elementos culturais, como a Fênix por exemplo, contudo, nada submerso e original, como fez Guimarães Rosa. Ele foge do estereótipo e fica claro que

Por entender que para falar do outro é preciso antes saber de si, e que para ser universal é necessário conhecer primeiro de onde se veio, a prosa de Guimarães Rosa alçou voos de andorinhão nos logros da prosa experimental, sem pretensões de pousar nos lugares comuns do regionalismo panfletário de estereótipos nordestinos, elevando o sertão de geografia a estado da alma. (ANDRADE e ALMEIDA, 2020, p. 11)

Dessa forma, a linguagem experimental de Guimarães Rosa não apenas desafia as normas literárias convencionais, mas também enriquece a experiência do leitor, oferecendo uma visão profunda e original.

Guimarães Rosa parece quebrar os sentidos das palavras que sempre estiverem ali, Orlandi, em seu livro *Análise do Discurso*, discorre sobre os sentidos do discurso

Os sentidos estão sempre “administrados”, não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá. (ORLANDI, 1999, p.10)

Ou seja, as palavras que Rosa cria, ora juntando significados parecidos, ora unindo literalmente uma palavra na outra, nos levam a buscar novas interpretações daquilo que sempre esteve ali. E podemos perceber que: “A língua não é transparente, ou seja, os significados de determinados enunciados não são únicos

nem prontos, sendo que cada vez que esses são produzidos eles criam efeitos de sentido em seu interlocutor.” (PARMA, 2009, p. 507).

O autor de *Grande Sertão: Veredas* foge dos estereótipos e utiliza a língua do jagunço enquanto sujeito do sertão e um destaque de Orlandi nos remete exatamente a essa ideia,

(...) a Análise do Discurso não trabalha com a língua enquanto um sistema abstrato, mas com a língua no mundo, com maneiras de significar, com homens falando, considerando a produção de sentidos enquanto parte de suas vidas, seja enquanto sujeitos seja enquanto membros de uma determinada forma de sociedade. (ORLANDI, 1999, p. 16)

É plausível que parte da erudição esteja em conhecer diferentes culturas e acessar o máximo possível de conteúdos, por isso, *Mulan* e *Grande Sertão: Veredas*, podem ser consumidos por uma mesma pessoa.

4.1 ADAPTAÇÕES

Pode ser que nem todos saibam, mas, os filmes da Disney são adaptações de outras histórias, como o caso da princesa Ariel, que na história original morre no final e até mesmo *Mulan*, que foi adaptado de um poema/lenda chinesa antiga.

Ao optar pelas adaptações dessas histórias, os estúdios Disney acabam por criar uma homogeneização em todas as suas produções.

“Adaptando essas obras literárias para produções cinematográficas, a Disney transpõe uma forma de linguagem, a escrita, do livro, para uma outra muito diferente, a das imagens, do cinema.” (PARMA, 2009, p. 507)

Essa diferença não acontece somente na linguagem, mas em todo o decorrer da história, inclusive o final e o famoso “felizes para sempre.”

Pensando nas adaptações das histórias originais para os filmes da Disney, é possível comparar também o filme da *Mulan* com o *Grande Sertão: Veredas* no que tange à diferença de um filme para o livro e até mesmo a diferença entre o livro de

Guimarães Rosa e a adaptação cinematográfica do mesmo, lançado em 1965, dirigido por Geraldo Santos Pereira e Renato Santo Pereira.

“As maiores diferenças em ambas as histórias que podemos notar é o contraste entre o final feliz dos filmes e o final trágico das obras originais: no conto de fadas o amor é fatal, enquanto que no Romantismo, o amor é impossível” (PARMA, 2009, p. 515)

Na citação acima, o autor está fazendo referência às adaptações da Disney, mas ao analisarmos as duas obras desse trabalho, percebemos que o final de cada uma das protagonistas é totalmente diferente. Enquanto no filme, a protagonista Mulan volta pra casa com sua família e recebe honras e um presente do Imperador, em *Grande Sertão: Veredas*, a protagonista Diadorim morre em batalha.

Figura 07 - Mulan (2020) volta para sua casa e recebe presentes do Imperador



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

Figura 08 - Diadorim e Hermógenes caem mortos após uma batalha



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

Outra enorme diferença entre o livro e o filme *Grande Sertão: Veredas*, é que no filme já sabemos que Diadorim é uma mulher ao longo da trama e no livro só descobrimos que Diadorim é mesmo uma mulher quando ela morre.

Ela era. Tal que assim se desencantava, num encanto tão terrível; e levantei mão para me benzer – mas com ela tapei foi um soluçar, e enxuguei as lágrimas maiores. Uivei. Diadorim! Diadorim era uma mulher. Diadorim era mulher como o sol não acende a água do rio Urucuia, como eu soluzei meu desespero. (ROSA, 1994 p. 861)

5. CINEMA, LITERATURA E O SER FEMININO

Ainda sobre Adorno, podemos perceber em seu capítulo sobre a indústria cultural, o destaque que ele dá para o fato de como o pensar e a reflexão estão regredindo e como usamos o entretenimento para nos deixar alegres por acontecer exatamente o que queríamos.

No cinema, por exemplo, os primeiros minutos de um filme bastam para a fórmula ser resolvida, e quando ela se dá, da maneira prevista, causa felicidade e satisfação, ao invés de contrariedade e ausência de surpresa. (ENBEL, 2021, p. 16)

Com o crescimento da indústria cultural, mais acesso à internet e streamings, é comum imaginarmos que há diversas opções super democráticas para acessar e diferentes conteúdos para escolher, já que há tantos canais disponíveis, contudo, o leque de opções que os indivíduos pensam ter, não passa de uma grande estruturação de repetições.

A questão da democracia também não pode ser deixada de lado no que se refere à compreensão da indústria cultural; aqui é necessário esclarecer que ela nada tem de democrática, e aos seus espectadores não resta nada além da falsa sensação do poder de escolha e autonomia. (ENBEL, 2021, p. 18)

Mesmo com todos esses pontos expostos até aqui, a crítica à indústria cultural não deve excluir também seus potenciais benefícios. Seu vasto e fácil acesso a coloca em todos os lugares ao redor do globo, não diferenciando etnias ou classes sociais. A internet tem alcançado lugares nunca antes imaginados, contudo, por trás disso também existe uma ressalva importante: O que alcança o burguês, dificilmente (para não dizer nunca) alcança o proletariado.

Ainda que muito se estude, pense e fale a respeito da necessidade de que haja uma mudança na lógica estabelecida socialmente, como seria possível que essa ocorra se as melhores produções, as que tendem a propor a reflexão são mantidas em seus exílios em esferas sociais mais abastadas, enquanto o entretenimento disposto às classes trabalhadoras tende ao esvaziamento da reflexão? (ENBEL, 2021, p. 19)

Essa cultura restrita à burguesia muitas vezes se manifesta por meio de eventos sociais, como peças de teatro, exposições de arte e concertos musicais. Essas formas de entretenimento e expressão artística sempre foram historicamente apreciadas principalmente pelas elites econômicas, que podiam arcar com os altos custos de participação - e podem ainda hoje.

Além disso, o acesso à educação de qualidade era geralmente reservado aos membros da burguesia. Isso lhes proporcionava uma formação acadêmica abrangente, incluindo estudos humanísticos, literatura clássica, história da arte e filosofia. Esses conhecimentos adicionais e habilidades culturais eram considerados sinais de status e distinção social e infelizmente se perpetua até os dias atuais.

A cultura dá poder aos que a detêm, por isso não deve ser privada, mas mais acessível a todos os recortes da sociedade.

De acordo com Simionatto (2009), o pensador italiano (Antonio Gramsci) já apontava, em 1916, no texto Socialismo e cultura, que uma das razões que possibilitava às classes dominantes tomar o poder e mantê-lo não era apenas o uso da força bruta, mas também a sua capacidade de difusão de ideias, valores, filosofias e visões de mundo por toda a sociedade. Desse modo, a cultura apresentava-se como condição necessária para um processo revolucionário, pois, entendida de forma crítica, pode ser um instrumento de emancipação política das classes subalternas. (GIRELLI, 2019, p. 141)

5.1 O PAPEL DO ENTRETENIMENTO

Quando citado sobre a felicidade ligada ao entretenimento, isso não significa que o cinema ou mesmo a leitura de um livro, deva ser algo pesado e massacrante; é importante termos momentos de descontração, contudo, é preciso olhar para as criações culturais como ferramentas de formação do indivíduo, logo, é muito importante além de proporcionar acesso a todos, construir peças, livros e filmes que de fato nos façam avançar e não regredir.

Ao longo da formação do indivíduo, é importante ser relevante e pensar em estratégias para cada fase. O que uma menina precisa assistir, ler e aprender, é diferente do que uma mulher precisa. Tanto a inocência quanto a maturidade, nos ensinam coisas e nos ajudam a enxergar coisas em diferentes momentos da vida. Quantos de nós não lemos o mesmo livro em diferentes momentos e percebemos coisas completamente diferentes em cada leitura?

A nossa visão de mundo, determina muito a maneira como enxergamos as coisas, como vivemos e como nos movemos diante da sociedade como um todo.

O sucesso do ser feminino não deve ser estabelecido de maneira exterior, mas sim, individualmente. Há mulheres muito bem sucedidas em seus trabalhos, mas tristes com sua vida emocional e psicológica, da mesma forma, há muitas mães que ficam em casa cuidando de seus filhos que são completas e realizadas. O sucesso então também é estabelecido debaixo de uma cosmovisão e coincide com o propósito para o qual a mulher foi criada e não com o que outras mulheres acham que é sucesso e felicidade.

Quando nos deparamos com personagens femininas como a Mulan e Diadorim, buscamos encontrar (e de fato encontramos) semelhanças que nos aproximam tanto delas quanto de nós mesmas, inspiradas por elas, tomamos coragem para também ser. Crianças amam as princesas por um motivo 'simples'

A produção cinematográfica carrega consigo uma gama de simbologias, valores e cria um imaginário na criança, com base no que ela se relaciona com personagens, de maneira que esses se tornam amigos íntimos, com os quais se identificam e desejam estar cada vez mais próximos, o que pode ser observado, por exemplo, na aquisição de produtos estampados por esses amigos, heróis e modelos. Para elas, quanto mais essas figuras estejam próximas, mais felizes e confortáveis estarão, pois isso proporciona uma identificação que as leva a definir quem são e, também, um status a ser explorado em seu grupo de convivência. (ENBEL, 2021, p. 35)

Por isso, a diversidade de obras também é importante para termos mais e mais referências. Há um cuidado que precisa ser tomado, até mesmo no que diz respeito a homogeneidade dos filmes, muitos dos filmes da Disney são passados para as crianças como forma de exemplo e ensinamento, contudo, ao analisar os papéis femininos, podemos criar padrões que não condizem com a realidade.

A mestre em educação, Bárbara Luisa de Souza Vieira Enbel, fez um levantamento sobre a análise das personagens femininas em alguns filmes dos estúdios Disney e chegou a algumas conclusões,

Em todos os filmes a maior parte das personagens são homens, seja no mundo da fantasia em que a protagonista atua ou na história paralela que narra seu drama de vida no mundo real.(...) a faixa etária e o tipo físico das mulheres escolhidas para os papéis, uma vez que todas são belas, brancas e jovens. (ENBEL, 2021, p. 65)

Outro ponto que também é notório e chama a atenção no filme da Mulan, é o fato de que mesmo na guerra, ela está limpa, bonita e o cabelo impecável, Enbel também tem algo a dizer sobre isso, visando o filme Alice no País das Maravilhas, filme por ela analisado

Alice se mantém bela e arrumada. Nesse sentido, vale ressaltar que o retrato da mulher ainda está extremamente associado a necessidade iminente de uma beleza inviolável; ainda que faça atividades físicas duras e pesadas, ao final deve ainda estar penteada e limpa. (ENBEL, 2021, p. 66)

Em questão de segundos no filme, Mulan aparece para a guerra linda e podemos perceber o ponto de Enbel (2021), como nas imagens abaixo

Figura 09 - Mulan decide aparecer como mulher na guerra



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

Figura 10 - Mulan solta o cabelo e eles estão 'penteados e limpos'



Fonte: captura de tela feita pela autora deste trabalho

O ser feminino sendo retratado na maioria das vezes por padrões socialmente estabelecidos e a presença de poucas representações de minorias, como é o caso da primeira princesa negra somente em 2009, é um fator relevante ao utilizarmos esse e outros filmes da Disney como exemplos. Eles por si mesmos talvez não sejam suficientes, mas como uma das ferramentas para construção da opinião e crítica do indivíduo podem ter sim o que acrescentar.

CONCLUSÃO

“O processo de desintegração do ser humano provocado pela contemporaneidade e pela Indústria Cultural reprime e manipula nossos sentidos, interfere na percepção que temos do mundo.” (BUENO e SILVA, 2017, p.1177)

Essa manipulação dos sentidos, citada pelos autores, faz com que ao passar dos anos, os indivíduos se tornem ainda mais preguiçosos para pensar e buscar a cultura por seu sentido e beleza, ao invés de simplesmente acessar a facilidade que lhes é proposta.

De um lado, temos *Grande Sertão: Veredas*, uma obra literária complexa, que desafia as estruturas tradicionais da narrativa e da linguagem, explorando temas profundos e reflexões sobre a vida e a condição humana. Essa obra se destaca por sua singularidade e originalidade, rompendo com os padrões da indústria cultural.

Fica claro que tanto João Guimarães Rosa quanto *Grande Sertão: Veredas* têm muito a nos ensinar e contribuir para nossa formação como indivíduos pensantes e críticos.

Do outro lado, tanto *Mulan* quanto os outros filmes da Disney são exemplos de produtos culturais produzidos em massa, que seguem fórmulas narrativas estabelecidas e tendem a simplificar os conflitos e as questões abordadas. Esses filmes, embora muitas vezes sejam cativantes e agradáveis, podem ser considerados como parte da indústria cultural mais alienante, uma vez que são projetados para atender a um público amplo e maximizar o lucro.

Ao pensar no feminino e na construção dessas personagens ao longo de suas histórias, conclui-se que o homem e a mulher podem de fato fazer o que quiserem e ir para onde decidirem. Homens e mulheres podem ir mais longe quando estão juntos, são afiados em relacionamentos, tornam-se homens e mulheres melhores, crescem e são de fato felizes em companhia e não solitários.

A decisão de *Mulan* em não aceitar o “emprego dos sonhos” e retornar para sua família por honra, amor e respeito, com certeza é uma decisão contrária a muitos pensamentos que temos hoje. Muitas mulheres querem ‘libertar’ outras daquilo que acreditam ser errado ou um estilo de vida opressor, contudo, ao

buscarem por essa libertação, acabam oprimindo na direção contrária, ao invés de só deixar cada mulher viver da forma que faz sentido para si, cada uma de nós deve viver baseada em sua visão de mundo, sem obrigar outras a se submeterem e viverem debaixo da sua própria cosmovisão.

Mulan não foi uma rebelde sem causa ou alguém que lutou por algo vazio, por ela entender seu papel, mesmo que momentaneamente enfraquecida por seu disfarce, ela lutou bravamente e se libertou de papéis que não eram seus. Foi ousada em retornar para casa e ser fiel àquilo que ela acreditava.

Diadorim lutou bravamente até o fim e mesmo sendo morta, fez o que queria fazer: vingar a morte de seu pai.

As duas obras têm algo a nos ensinar em diversos aspectos. Se ambas são apresentadas e comumente difundidas, não há nenhum agravante, o problema é abrir mão de uma em detrimento da outra. O entretenimento, as histórias com finais óbvios e de linguagem mais 'pobre' são importantes também para a construção do indivíduo, contudo, da mesma forma que filmes como Mulan e tantos outros da Disney são tão difundidos, é necessário difundir também obras primas como *Grande Sertão: Veredas* para além das universidades.

Pensar na formação do ser feminino a partir de duas obras tão distintas, tanto em gênero, quanto em tempo e espaço abre um leque de possibilidades para análise. Fica claro que a cada nova estreia, há uma nova tentativa de construir como a mulher deve ser ou se parecer, buscando por reflexões e novas representações para identificação.

Consideramos a educação e um maior acesso a diferentes culturas e materiais como uma 'solução' de propagação de materiais ricos, contudo, percebemos que a educação parece estar limitada à absorção do conhecimento gerado pela modernidade, enquanto o ensino se reduz à mera apresentação desses conhecimentos. Assim, deixa de exercer sua função de agente emancipador e transformador, gerando em vez disso um sentimento de impotência e ilusão.

Atualmente, é possível perceber movimentações e esforços para ampliar o acesso à cultura, promovendo programas de educação artística, subsídios para eventos culturais, espaços públicos de expressão e iniciativas de inclusão social. O objetivo é romper com a exclusividade cultural associada às classes 'mais acima', permitindo que pessoas de diferentes origens sociais participem e desfrutem da riqueza cultural de uma sociedade.

Ao longo desse trabalho, é possível perceber como a indústria cultural tem influenciado na formação do indivíduo e em suas escolhas, seja no entretenimento, na compra de roupas, tecnologias e qualquer coisa que ele conseguir acessar na palma da mão. Além disso, a indústria cultural e seus produtos muitas vezes distorcem e afastam o indivíduo de sua realidade, o que pode ser até nocivo para o seu bem-estar.

Quantos, de repente, já não compraram algo ou até mesmo deixaram de comprar por conta de alguma influência de produtos ou pessoas que permeiam a indústria. Remédios (ou vacinas) que são tomados ou não, substâncias, alimentos, objetos e por que não, livros e filmes?

Os gostos e opiniões das pessoas que nós acompanhamos pode nos empurrar para mais perto de um Guimarães Rosa ou nos distanciar por completo. Nos tornar seres críticos e cada vez mais pensantes, nos possibilita, tomar decisões mais razoáveis e com bom impacto na nossa formação.

Grande Sertão: Veredas, não é um conteúdo da “massa”, mas em que lugar encontraríamos tamanha riqueza linguística e até mesmo comportamental para analisar? Guimarães Rosa era brilhante, mas não mágico, as coisas não saíam simplesmente do nada. Ele estudava, se debruçava na construção da sua escrita, fazia profundas pesquisas linguísticas sobre os cenários e personagens que descrevia, assim como foi com os jagunços no sertão de Minas.

É necessário construir uma cultura que não associa a leitura de livros indispensáveis (até mesmo para o criar e saber do imaginário do nosso país) simplesmente com vestibular ou algo obrigatório. Por outro lado, na outra via dessa mão, construções como a cinematografia dos estúdios Disney são importantíssimas e merecem atenção. Uma obra não pode excluir a outra.

É importante destacar que : “Quando nascemos os discursos já estão em processo e nós é que entramos nesse processo. Eles não se originam em nós. Isso não significa que não haja singularidade na maneira como a língua e a história nos afetam.” (ORLANDI, 1999, P.35)

Como Orlandi bem destaca no trecho acima, retirado do seu livro *Análise de Discurso*, nós já nascemos e somos inseridos em um momento que já está acontecendo, tudo está existindo e sendo repassado em termos de discurso, mas isso não significa que não podemos parar em meio ao ciclo e pensar, questionar, entender e encontrar nosso propósito e singularidade, ao contrário.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 1947. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/208/o/fil_dialetica_esclarec.pdf> Acesso em: 22 de maio de 2023.
- ANDRADE, Brenda Carlos; ALMEIDA, Samantha Lima de. *Literatura, Sertão e Linguagem: O Famigerado estilo experimental de Guimarães Rosa em primeiras histórias*. Terra Roxa e outras terras. v. 38, p. 9-18, Londrina, jun. 2020.
- BARBIERI, Márcio José Pivotto. *A palavra em Grande Sertão: Veredas*. São Paulo, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *O homem dos avessos*. In: *Tese e antítese - Ensaio*. São Paulo, 2002
- GIRELLI, Luciana Silvestre. *A cultura como mercadoria: reflexões sobre o processo de mercantilização cultural no modo de produção capitalista*. Vitória, 2019.
- Hua Mulan, a lendária e corajosa guerreira. *Jornal The Epoch Times*. jun. 2013
- KLIMCZAK, Natalia. *The Dramatic True Story Behind Disney's Mulan*. 2020. Disponível em: <<https://www.ancient-origins.net/history-famous-people/ballad-hua-mulan-legendary-warrior-woman-who-brought-hope-china-005084>> Acesso em: 24 de maio de 2023.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.
- PROENÇA, Manoel Cavalcanti. *Augusto dos Anjos e outros ensaios*. Rio de Janeiro, 1973. Disponível em: <https://literaturaufalarapiraca.files.wordpress.com/2018/02/manoel_cavalcanti_proenca_-_trilhas_no_g.pdf> Acesso em: 22 de maio de 2023.
- SANTIAGO, Silviano. *Genealogia da Ferocidade - Ensaio Sobre Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa. Recife, 2018.
- VIEIRA, Barbara Luisa de Souza. *Indústria cultural e educação: a análise das personagens femininas em filmes dos estúdios Disney*. 2021. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, 2021.
- MULAN. S.I: Walt Disney, 2020. Color.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas. S.l: Editora Nova Aguilar, 1994. 872 p.

Tavares da Silva, A. T., & Bueno, S. F. (2017). Indústria cultural e mercantilização da cultura como projeto de semiformação na educação da infância moderna. *Perspectiva*, 35(4), 1164–1181. <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2017v35n4p1164>